

---

## *Cultura regional, política e literatura em Mansueto Bernardi*

*Adiane Fogali Marinello\**  
*João Claudio Arendt\*\**

---

**Resumo:** Este artigo discute questões referentes à cultura regional, à política e à literatura, através da interpretação e análise de ensaios literários e historiográficos, discursos e poemas produzidos por Mansueto Bernardi (1888-1966). O autor teve intensa atuação cultural e política durante a primeira metade do século XX, criando e dirigindo periódicos da Livraria e Editora Globo, de Porto Alegre, atuando em funções administrativas dos governos estadual e federal. Desse modo, este estudo tenta mostrar que Bernardi procurou divulgar a cultura do Rio Grande do Sul e esforçou-se para difundir o catolicismo na sociedade brasileira, colocando, em virtude disso, a religião como linha norteadora de seu projeto político e literário. Trata-se, portanto, de uma discussão interdisciplinar que transita entre a literatura, a história e a sociologia, e se volta para a cultura regional.

**Palavras-chave:** Mansueto Bernardi, literatura, política, religião, cultura regional.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss referring subjects to the regional culture, to the politics and to the literature, through comprehensive analysis of literary and historiographic essays, as well as of his speeches and poems produced by Mansueto Bernardi (1888-1966). The author had nevertheless intense cultural and political activity in the first half of twentieth century. Besides creating and supervising periodicals at Livraria e Editora Globo, in Porto Alegre, he served in both the federal and the Rio Grande do Sul state governments. This study attempts to demonstrate that Bernardi tried to make the culture of Rio Grande do Sul known and made considerable efforts to divulge the creed of Catholicism in Brazilian society, therefore placing religion as a main source for his literary and political project. This Dissertation constitutes an interdisciplinary approach that reports the findings of research involving Literature, History and Sociology, while focusing regional culture.

**Key words:** Mansueto Bernardi, literature, politics, religion, regional culture.

---

\* Professora no Departamento de Letras e Filosofia na UCS/CARVI. Mestre em Letras e Cultura Regional pela UCS. *E-mail:* afmarine@ucs.br

\*\* Doutor em Linguística e Letras pela PUCRS. Professor no Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional na UCS e no Departamento de Letras e Filosofia na UCS/CARVI. *E-mail:* jcarendt@ucs.br

## Introdução

O objetivo principal do presente artigo é discutir o projeto político e literário de Mansueto Bernardi, a partir da análise de sua produção escrita, composta pela obra poética *Terra convalescente*<sup>1</sup> (BERNARDI, 1980), pela crítica literária e por ensaios e discursos divulgados em jornais e livros, de modo a contribuir para o desenvolvimento de estudos historiográficos e literários brasileiros em sua relação com as culturas regionais.

Nesse sentido, este estudo será norteado pela hipótese de que o poeta empenhou-se para dar continuidade à propagação dos ideais católicos na sociedade brasileira, elegendo, por isso, a religião como eixo central do seu projeto político e literário. Supõe-se, ainda, que, ao longo de sua trajetória, o autor foi um divulgador da cultura sul-rio-grandense e concebeu os livros segundo uma perspectiva eminentemente utilitária, considerando-os instrumentos de intervenção social e, em decorrência disso, encarando a literatura como uma atividade que deveria ter base instrutiva, moral e religiosa.

O autor de *Terra convalescente* iniciou sua carreira profissional, conforme dados de Itálico Marcon (apud BERNARDI, 1980, p. 27-30), como professor, tendo sido administrador da Livraria do Globo, de 1924 a 1931, e fundador do *Almanaque do Globo*, em 1917, e da *Revista do Globo*, em 1929. Atuando em meios de comunicação escrita, na primeira metade do século XX, ele desempenhou um relevante papel na formação de estruturas geradoras do gosto literário, selecionando e divulgando publicações, bem como incentivando novos nomes da literatura gaúcha.

A Editora Globo surgiu como um setor da Livraria do Globo, fundada em dezembro de 1883, em Porto Alegre e que, em 1917, iniciou a edição do *Almanaque do Globo*, anuário que estava sob os cuidados de João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi. Ambos permaneceram como editores do almanaque até 1931, sendo que, nesse período, a empresa investiu em uma gestão mais regionalista, voltada para autores gaúchos, beneficiando, portanto, a produção literária local:

Não é possível esquecer alguns veículos de difusão cultural presentes na “vida literária sulina.” [...] Em pleno novo século [século XX], o *Almanaque do Globo*, publicado pela Livraria do Globo, apresentava autores locais, nacionais e estrangeiros. (PESAVENTO, 2002, p. 295-296).

Durante sua atuação na Livraria e Editora Globo, autores importantes passaram pelo crivo de Bernardi, pois, conforme Paulo Gouvêa (1983, p. 4), o autor de *A Revolução de 30* “era o diretor do departamento editorial da Livraria do Globo, em cuja opinião baseava-se José Bertaso para autorizar a publicação de livros inéditos”.

## O projeto político

Considerando que Mansueto Bernardi, no decorrer de sua vida pública, esteve envolvido com as diversas instâncias do poder, torna-se importante estudar sua atuação política e debater a relação existente entre política e literatura. O poeta ocupou os cargos de oficial do Tesouro do Estado do Rio Grande do Sul e prefeito de São Leopoldo, sendo inclusive nomeado diretor da Casa da Moeda, no governo provisório de Getúlio Vargas. Enfim, desempenhou suas atividades em funções políticas e burocráticas dos governos municipal, estadual e federal, no decorrer da primeira metade do século XX.

A partir da crença de que a desagregação social, que assolava a sociedade brasileira no período que se estende do início do século XX até a década de 60, era resultado da desestabilização familiar, resultante da ausência de fé cristã, Bernardi defendia que a família, como base da sociedade, deveria estar impregnada pelos valores difundidos pela religião católica. Para que a religião influenciasse o meio social, ela deveria primeiro exercer influência sobre a família e a escola, visto que, instruídos com valores católicos, os indivíduos estariam preparados para educar suas próprias famílias e, conseqüentemente, tais princípios seriam implantados na sociedade, repercutindo no mundo. Baseado nisso, reforça a importância de a cultura cristã fazer parte da formação cultural brasileira:

Torna-se imprescindível que o influxo da cultura cristã se faça sentir na fundação da família e da escola. Da família, que é o núcleo vital da sociedade humana. Da escola que, sob o ponto de vista pedagógico, é o seu prolongamento natural. [...] Muitos dos males que atualmente enfermam o corpo social, provêm da peste do ensino leigo, da pretensão fútil e falaz de se querer substituir a fé pela ciência. [...] Estado, sociedade, escola, família, tudo isso, para que

vingue, e perdure, e preencha os seus fins, naturais e sobrenaturais, precisa impregnar-se de cultura cristã, de vivificante substância religiosa. (BERNARDI, 1980, p. 90).

Bernardi preocupava-se com a divulgação da cultura cristã, tendo em vista que, da continuidade e permanência da influência religiosa na sociedade, em face da nova realidade posta pelo regime republicano, dependia a sobrevivência do catolicismo brasileiro. De acordo com Rodrigues (1981, p. 5), “o Decreto de 7 de janeiro de 1890 [...] introduziu a liberdade religiosa e privou a Igreja Católica dos privilégios de que havia gozado até então como a religião oficial do Estado”. Separada do Estado pela República, a Igreja buscava uma reaproximação em novas bases, procurando assegurar sua autonomia em relação ao poder público, elegendo a difusão da doutrina cristã como instrumento de afirmação social e política ante o Estado.

Em seu projeto político, além de defender a perpetuação dos princípios do catolicismo na sociedade, através do processo educativo, o autor de *Terra convalescente* buscou divulgar, também, a importância dos italianos para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, ressaltando, principalmente, sua contribuição para a propagação de valores religiosos e morais.

Em discurso proferido na Vila do Lajeado, município de Veranópolis, no dia 6 de janeiro de 1960, por ocasião da inauguração do Monumento aos Colonizadores daquela região,<sup>2</sup> enfatiza que a participação dos imigrantes para a constituição do capital social do estado gaúcho não havia sido apenas de caráter econômico, material, mas também étnico, religioso, intelectual, moral e espiritual. (BERNARDI, 1980q, p. 16). Na sua opinião, a herança mais significativa que os pioneiros haviam deixado para as futuras gerações não era o conjunto de seus bens materiais, mas o seu acervo moral, no qual destacava-se o amor a Deus, à pátria e à família, o gosto pelo trabalho, o sentido de ordem, o respeito à autoridade, o espírito de iniciativa e economia, a honradez, a fidelidade à palavra empenhada, o instinto de solidariedade social, enfim, todo aquele conjunto de virtudes cristãs que constituiria o núcleo da personalidade humana. (BERNARDI, 1980q, p. 16).

Bernardi conferia, portanto, um grande valor à contribuição dos imigrantes italianos na afirmação dos alicerces culturais e morais da sociedade brasileira. Nota-se, por outro lado, que ele atribuía aos

descendentes de imigrantes, junto com os demais brasileiros, a significativa tarefa de “fazer florir a civilização cristã nesse imenso Império que é o Brasil”. (BERNARDI, 1980q, p. 14). Assim, mais uma vez, demonstrava sua preocupação com a divulgação e perpetuação dos preceitos católicos, convocando os italianos a colaborarem no projeto de reestruturação do catolicismo em âmbito nacional.

O autor de *A Guerra dos Farrapos* também procura concretizar um projeto político identificado com o nacionalismo, defendendo, já em 20 de setembro de 1923, que a unidade nacional brasileira constituía um imperativo para a construção da verdadeira pátria:

O edifício federativo brasileiro é, por sua natureza, um bloco inteiro, granítico, inabalável, superior à existência regional dos Estados. Cimentou-o a vontade soberana da Nação e a nenhuma das unidades federadas será possível rompê-lo. (BERNARDI, 1980k, p. 131).<sup>3</sup>

Bernardi ressalta, nesse sentido, ainda em 1923, que o Rio Grande do Sul nunca, nem mesmo durante o período da Revolução Farroupilha, em 1835, teve uma atitude separatista, ou seja, jamais deixou de direcionar todos os seus pensamentos para o Brasil. O poeta garante que os indivíduos que alegavam ser a bandeira estadual separatista não conheciam suficientemente o percurso histórico do Estado ou não eram sinceros em suas acusações. (BERNARDI, 1980i, p. 136).<sup>4</sup> Para ele, a declaração de independência farrapa nada provaria em contrário, uma vez que ela fora apenas um mecanismo utilizado para atingir uma finalidade maior, que era a república federativa. Ou seja, para o autor, o real objetivo dos farroupilhas era instituir uma forma de governo adequada aos seus costumes e conjuntura, que resguardasse efetivamente a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade e a igualdade, bases essenciais dos direitos humanos, e que, ao mesmo tempo, afirmasse a justiça, promovesse a felicidade pública e assegurasse a todos os gaúchos o gozo desses bens. Enfim, eles tinham como meta fundar um sistema político que afiançasse a independência do seu regime interno, sem deturpar combinações federativas posteriores, no que se refere ao regime externo do Estado. (BERNARDI, 1980j, p. 137).<sup>5</sup>

Além disso, conforme o *preâmbulo* da primeira edição da *Revista do Globo*, em 1929, Bernardi almeja que o Rio Grande do Sul seja inserido

no sistema federativo da cultura brasileira, afirmando-se contra todas as vozes negativas que se entrecruzavam no ar, “ressoantes de ironia, de indiferença e de descrença”, visto que se havia cultuado a lenda de que o estado era somente terra de revoluções e guerreiros. Para esse fim superior de utilidade nacional, deixa claro que utilizaria a *Revista do Globo* como “uma voz de estímulo e afirmação”, como um “órgão-centro de coordenação e mobilização de energias morais”, salientando que era necessário que o povo gaúcho irradiasse as suas idéias para “além das próprias fronteiras”, fizesse circular os seus “legítimos valores espirituais” e mostrasse ao resto do País o que se fazia, o que se dizia, o que se pensava, o que se inovava e se renovava neste estado, dando-se a conhecer melhor e contribuindo com seu “capital de saúde e juventude, de idealismo e de otimismo para a formação e o soerguimento da mentalidade nacional”. (BERNARDI, 1929, p. 9).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Bernardi foi um divulgador da história e da cultura regionais e, como tal, não foi o representante por excelência de uma única região cultural do Rio Grande do Sul. Pelo contrário, vinculado à circulação de periódicos importantes, a movimentos políticos e à história do estado, transitou por muitos espaços do território gaúcho, sendo um propagador das várias culturas rio-grandenses. Provavelmente, a convivência com a diversidade oportunizou-lhe o acesso a patrimônios artísticos e culturais distintos, bem como a hierarquias de valores e de práticas, a maneiras de fazer, sentir e pensar diferenciadas.

Comprometido com a proposta de restauração da Igreja no Brasil, o autor de *São Francisco de Assis e a natureza* dispôs-se a contribuir com sua atuação social para o fortalecimento do catolicismo, colocando a religião como um dos alicerces de seu projeto político. Imbuído desse espírito, segundo informações de Marcon (apud BERNARDI, 1980b, p. 13), Bernardi aderiu, após a Revolução de 30, ao Integralismo, tendo sido membro da Câmara dos Quarenta e, em virtude disso, preso por ordem da ditadura estadonovista, em 1938. Como um dos pontos básicos de seu projeto político era o revigoreamento da fé esmorecida e o restabelecimento do prestígio moral da Igreja, a filiação do poeta ao integralismo vai ao encontro dessa orientação. Nesse sentido, ele argumentava, em saudação dirigida a Plínio Salgado, nos idos de 1950, por ocasião de sua visita à cidade de Veranópolis, que a Ação Integralista

Brasileira era uma associação partidária que se preocupava com a preservação dos princípios cristãos. (BERNARDI, 1980f, p. 103-105).

O integralismo cresceu, no Brasil, com o apoio de expressivo segmento do clero e da intelectualidade católicos, pois, a princípio, se a postura dos religiosos não era de vinculação ou simpatia ao movimento, ao menos não representava oposição à participação dos católicos. Cavalari (1999) esclarece que o discurso integralista divulgado nos livros e jornais, reproduzido nas sessões doutrinárias, nas transmissões via rádio e nos ritos e símbolos, distinguia-se por ser moralizador e inspirar-se no imaginário religioso:

A visão maniqueísta da história, a idéia da redenção pelo sofrimento, a transformação da história em uma espécie de fábula moralizante veiculadas por tal discurso parecem apontar para a hipótese de que o arquétipo de tal discurso era o universo do catolicismo tradicional. (p. 158-159).

Logo, percebe-se que a presença dos princípios católicos no discurso integralista estimulou Bernardi a filiar-se à Ação Integralista Brasileira, posto que, como católico fervoroso, viu na militância dessa agremiação uma possibilidade de propagar de forma mais efetiva os preceitos da Igreja.

O integralismo censurava duramente o liberalismo e o comunismo e propagava, conforme Cavalari (1999, p. 153), que a atuação do chefe deveria ter como objetivo impedir o avanço dos comunistas. Em manifesto escrito em janeiro de 1947, o autor de *Colônias e colonizadores* também assume, como os integralistas, postura contrária ao socialismo e ao comunismo, amparando-se, para isso, no fato de que a Igreja censurava fortemente ambos os movimentos, não fazendo distinção alguma entre eles, posto que, na essência, eram a mesma coisa, embora com nomes diferentes:

São frutos da mesma árvore maléfica – o materialismo. Só a casca é um pouco diversa na coloração, mas a polpa é a mesma. Um dos frutos é totalmente vermelho, isto é, maduro. É o comunismo. O outro é parcialmente vermelho, ainda não de todo maduro, mas em plena fase de maturação. É o socialismo. Ambos têm, entretanto, além da mesma origem, o mesmo intuito, ostensivo, ou oculto: a destruição da civilização cristã. (BERNARDI, 1980d, p. 97).

Desse modo, nota-se que Bernardi condenava as doutrinas comunista e socialista por estar convencido de que nenhum poder político poderia se estruturar de forma duradoura e eficiente sem o apoio do influxo religioso, e, da mesma forma, afiançava que, enquanto a sociedade não se fundamentasse na doutrina cristã, nunca existiria harmonia material e moral entre as diversas classes sociais. (BERNARDI, 1980l, p. 87). Na sua opinião, o auxílio recíproco entre Igreja e Estado seria a situação ideal que deveria se estabelecer. (BERNARDI, 1980m, p. 49).

Demonstrando concordar com o que a Igreja divulgava a respeito do governo temporal da sociedade humana, Bernardi deixa claro que os governantes deveriam ser ministros de Deus para o bem de todos, pois o poder de César seria muito precário, confrontado com o poder de Cristo, e “nenhuma potestade subsiste na terra, se não a vivifica e socorre a graça de Cristo”. Conseqüentemente, ele alerta os dirigentes políticos que deveriam, num momento de grande crise como o que estavam vivendo naquela época, convencer-se de que o influxo da doutrina de Cristo sobre o poder civil era imprescindível, pois o principal agente causador desse colapso mundial era o não-reconhecimento da importância do poder divino. (BERNARDI, 1980m, p. 52).

O escritor manteve contato com intelectuais e políticos importantes, tanto de Porto Alegre como do interior do Estado do Rio Grande do Sul e do restante do País, no período em que atuou na Livraria e Editora Globo, entre 1917 e 1931. A relação que estabeleceu com esses nomes, no período que precedeu a Revolução de 30, abriu-lhe as portas para a atuação partidária, posto que era corriqueiro, nessa época, que escritores se movimentassem entre a literatura, o jornalismo e a política.

Considerando a influência da política nos meios de comunicação e vice-versa, é possível afirmar que são de grande importância os laços estabelecidos entre o autor de *Terra convalescente* e as lideranças que, na época, governavam o Rio Grande do Sul, pois política e jornalismo, muitas vezes, andam de mãos dadas, em uma relação que pode determinar como cada notícia é veiculada e mesmo decidir o que é notícia. Além disso, a mídia pode deixar de ser um mero observador da realidade e se colocar cada vez mais como ator político, interferindo nos destinos da administração pública.

Como a Livraria e Editora Globo tornou-se, na década de 20, o local de encontro de grande parcela da intelectualidade gaúcha daquele tempo, onde se discutiam diversos assuntos, lançavam-se nomes e se

faziam reputações, e por onde passavam literatos e artistas estrangeiros e nacionais (BERNARDI; MARTINS; VERÍSSIMO, 1962, p. 40-42), como João Pinto da Silva, Darci Azambuja, Augusto Meyer, Vargas Neto, Sotero Cosme (e os ainda inéditos, à espera de vez: Paulo Arinos, Rubens de Barcelos, Eurico Rodrigues, Reinaldo Moura, Carlos Dante de Moraes, Silvio Soares de Souza, Walter Spalding ) (SPALDING, 1964, p. 10-17); Bernardi igualmente estabeleceu contato com políticos importantes. Entre eles, destacam-se Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, Flores da Cunha e outros deputados e políticos eminentes. (VERGARA, 1960, p. 17-18).

No que se refere à *Revista do Globo*, Walter Spalding (1964, p. 10-17), em 1964, ao relembrar as comemorações alusivas à fundação desse órgão de imprensa, afirma que o estado todo se movimentava com Getúlio Vargas à testa do governo, candidato ao Catete por Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul, de modo que a nova revista viera completar o movimento, lançando-se, também, na campanha presidencial, fazendo a propaganda política de Getúlio Vargas. Na sua opinião, o Rio Grande inteiro vibrava na esperança de um Brasil novo, na ilusão de um Brasil redimido.

Pedro Vergara, por sua vez, relata, acerca disso, que, numa das costumeiras visitas de Getúlio à Livraria e Editora Globo, Bernardi negociara, ao lado de Oswaldo Aranha, o patrocínio para a criação e publicação da *Revista do Globo*:

Mansueto não devia perder essa oportunidade, em que o poder vinha ao seu encontro, amavelmente, para pedir alguma coisa, que favorecesse o grupo e os seus ideais. Era assim que debatia com o Presidente, visando [a] soluções administrativas, ao problema do livro didático; e era, assim, que lograva o atendimento a reclamações de grande utilidade para o ensino. Numa dessas visitas, obteve que GETÚLIO, coadjuvado de OSWALDO ARANHA, patrocinasse, junto a BERTASO, a publicação, pela LIVRARIA, de um semanário, que fosse a expressão do Rio Grande, naquela hora; e tivemos, então, a REVISTA DO GLOBO. (VERGARA, 1960, p. 18, grifos do autor).

Torna-se visível, assim, que o apoio acertado por Mansueto Bernardi com Vargas para a publicação do periódico é retribuído com o suporte oferecido pelo quinzenário aos projetos políticos apresentados pelo

governante. Isso pode ser facilmente verificado no manifesto *Ao Rio Grande unido* (BERNARDI, 1929b, p. 1), publicado em 14 de setembro de 1929, na *Revista do Globo*, escrito pelo próprio Bernardi e assinado pelo Comitê Central, em que as direções partidárias, os grêmios políticos e eleitorais, enfim, os rio-grandenses foram conclamados a se unir e apoiar os candidatos à presidência e vice-presidência da República, Getúlio Vargas e João Pessoa, respectivamente.

Nota-se, portanto, que a *Revista do Globo* foi utilizada para fins políticos, especialmente no período que antecedeu a Revolução de 30. Os proprietários da revista e o próprio Bernardi, que, na oportunidade, respondia pela direção, não eram neutros politicamente e estavam envolvidos num jogo de poder, não havendo preocupação em evitar vinculações a interesses político-partidários.

Mansueto Bernardi valeu-se da imprensa para persuadir os leitores de que a revolta armada era a única solução para os problemas socioeconômicos surgidos durante a República Velha. Utilizando a *Revista do Globo* para fins políticos, ele tomou partido e defendeu amplamente a “insurreição nacional” (BERNARDI, 1980e, p. 28), visto que, na sua opinião, somente assim poderia ocorrer o almejado “saneamento político, econômico e moral do país”. (BERNARDI, 1980g, p. 65).<sup>6</sup>

Acerca da insatisfação com a República Velha que imperava na sociedade brasileira, no manifesto publicado em 11 de outubro de 1930, na *Revista do Globo*, Bernardi questiona os leitores:

Que fazer num país em que o falseamento do voto é a vergonha generalizada, o acinte sistemático, a brutalidade sem exemplo das eleições de 1º de março? Que fazer numa situação em que o Congresso Nacional, desfibrado, inescrupuloso e obediente aos caprichos inconfessáveis do presidente da República, indivíduo medíocre e atrabiliário, manda depurar em massa os eleitos da Paraíba e sacrificar pela metade a representação de Minas Gerais? (BERNARDI, 1980e, p. 27-28).

O autor de *A Revolução de 30* demonstra, dessa forma, estar indignado com as fraudes supostamente ocorridas nas eleições de 1º de março de 1930, em que Getúlio Vargas e Júlio Prestes disputaram as

eleições presidenciais, pois, durante a República Velha, imperava, no Brasil, a política dos governadores, com base na qual esses gerenciavam a escolha dos dirigentes políticos do País, nos períodos de eleição, a partir de acordos com os chefes locais, ou seja, os grandes proprietários de terras que manipulavam o voto dos camponeses conforme o interesse dos governadores estaduais.

Além de demonstrar seu desagrado pela forma como os governantes estavam conduzindo os rumos políticos do Brasil, durante a República Velha, Bernardi alega que o Rio Grande do Sul estaria descontente com o abandono e o desprezo que o governo federal lhe impunha. (BERNARDI, 1980h, p. 23).<sup>7</sup> Isso se devia, provavelmente, ao fato de que muitos estados da Federação, entre eles o Rio Grande do Sul, estavam insatisfeitos com a exclusão política e econômica que São Paulo e Minas Gerais lhes impunha e reivindicavam o rompimento da tradicional política do café com leite, na qual as oligarquias desses estados se revezavam no poder federal. Conforme Lopez (1987, p. 46), a escolha de um presidente da República geralmente resultava de uma política de conchavos e compromissos entre os dois mais poderosos estados do País na época: Minas, produtor de gado leiteiro, e São Paulo, plantador de café.

Poucas palavras eram suficientes, de acordo com Bernardi, para expor, perante o mundo civilizado, os motivos pelos quais defendia a revolta armada. Ele argumenta que, no Brasil daquela época, a Constituição e as leis só tinham existência fictícia, ou seja, não eram cumpridas nem acatadas. Por isso, no manifesto de outubro de 1930, ele pede aos gaúchos:

Rio-grandenses!

Mostremos com o nosso denodo aos que tanto nos ofenderam com as suas provocações e os seus insultos, mostremos aos assassinos de João Pessoa, aos violadores da lei e aos expoliadores da Nação que o espírito da nossa raça é imortal e que a mesma capacidade de sacrifícios que fez a grandeza sem par da geração dos Farrapos é ainda a dos nossos dias, neste glorioso crepúsculo da República Brasileira! (BERNARDI, 1980e, p. 28).

Percebe-se, também, que alguns dos princípios defendidos pelo autor, em seu projeto político, estão presentes nos poemas de *Terra convalescente*,

de modo que se torna importante discutir a presença de temas políticos em sua produção literária. Como já foi mencionado, por ter se envolvido com políticos que organizaram a insurreição de 1930 e utilizado a *Revista do Globo* para formar a opinião dos leitores, Bernardi tornou-se um dos atores desse movimento revolucionário. Verifica-se, assim, que ele reflete essa postura de defesa da Revolução de 30 no poema “Primavera Farrapa” (BERNARDI, 1930b, p. 7), publicado originalmente como editorial da *Revista do Globo*, na edição de 30 de agosto de 1930, e que consta na obra *Terra convalescente*:

Setembro aí vem. Di-lo a roseira tenra,  
que hoje amanheceu coberta de rubis.  
Di-lo, de galho em galho, aos saltos e chilreios,  
a passarada alígera e feliz.

.....  
Setembro aí vem com os seus raios de ouro,  
dissolventes do frio e da névoa hibernal.  
Aí vem com a poesia toda que assinala  
o despertar do mundo vegetal.

Setembro aí vem com o seu vento  
cheio de pólen e de vida.  
O mês farrapo aí vem com todo o seu fermento  
de renascença e arremetida.

Ébrio do próprio aroma, o cabelo em desordem,  
entre cores e sons de estardalhaço,  
o Herói preciso aí vem no seu corcel que lembra  
o clarão de um relâmpago no espaço.

.....  
À tepidez do ambiente, mesmo os troncos secos  
sentem desejos de reverdecer.  
A luz redoirá os píncaros dos montes.  
Um Novo Dia vai nascer.

.....  
Setembro aí vem desordenadamente  
carregado de sonho e de porvir.  
Aí vem. E ao seu eflúvio milagroso  
as próprias sepulturas vão florir.  
(BERNARDI, 1980, p. 82-83)

Os versos transcritos apresentam algumas palavras-chave para que se possa compreender o conteúdo implícito do poema. Ao afirmar que “setembro aí vem”, o autor faz alusão ao mês em que inicia a primavera, ou seja, quando ocorre o “despertar do mundo vegetal”, depois do “frio e da névoa hibernal”, mencionando alguns sinais da natureza que denotam o aparecimento desta estação, como “a passarada alígera e feliz” e o “vento cheio de pólen e de vida”.

Todavia, utilizando-se desses dados, ele constrói uma metáfora, que mostra que o mês em que acontece o renascimento da natureza é o mesmo em que, no século anterior, havia iniciado, no Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos, um movimento que visava à reestruturação política do estado e do País. Como a expressão “setembro aí vem” aparece várias vezes no decorrer do poema, denotando a ênfase que o autor deseja dar ao fato, pode-se afirmar que ele provavelmente faz isso com o objetivo de mostrar que uma nova revolução, semelhante a que havia ocorrido em 1835, estava por acontecer.

A expressão “Um Novo Dia vai nascer”, em que as primeiras palavras aparecem escritas com iniciais maiúsculas, também indicaria a proximidade da revolução, assim como o último verso, no qual o eulírico afirma que “as próprias sepulturas vão florir”, simbolizaria a almejada regeneração da pátria brasileira.

Já, ao declarar que “o Herói preciso aí vem no seu corcel que lembra/ o clarão de um relâmpago no espaço”, ele pode conduzir o leitor a pensar em Getúlio Vargas, o político que comandou as forças revolucionárias no Sul do Brasil durante a Revolução de 30.

Nesse sentido, segundo Itálico Marcon (apud BERNARDI, 1980, p. 36), o próprio Mansueto Bernardi havia confidenciado ser ostensivamente revolucionária a mensagem do poema, tendo afirmado que Getúlio Vargas, depois de tê-lo lido nas páginas da *Revista do Globo*, dissera-lhe que era para ter cuidado, pois a idéia de revolução estava muito clara.

É visível o empenho despendido por Mansueto Bernardi no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso, tratando de conteúdos temáticos de profunda significação histórica e cultural para o período. Essa postura reveste a grande maioria de seus ensaios e discursos e alguns de seus poemas de uma dupla perspectiva documental: como registro judicioso de uma época e como projetos sociais alternativos para a sua transformação. Ambas as perspectivas procuram condensar

toda a substância social e cultural, captada pela experiência de vida do autor, através de sua forma particular de inserção nas mudanças que acompanharam a primeira metade do século XX.

Defendeu-se, em vários momentos da história da literatura, a total independência da literatura em relação à política, evitando tornar o texto literário divulgador de uma postura que ou almeja mudanças sociais, ou prima pela estagnação. Entretanto, nessa conjectura, pode residir um equívoco, já que não se percebe que a política e a literatura podem coexistir de diversas formas. Não se compreende que a produção estética possa estar atrelada a movimentos de ordem político-social. A própria história da literatura comprova isso, pois o diálogo entre política e literatura é bastante antigo.

Toda obra literária possui uma dimensão política, já que a literatura não pode apartar-se do imediato do dia-a-dia da realidade social. Todavia, o discurso literário só pode ter uma dimensão política, se for literário, isto é, quando não se reduzir a mero panfleto ideológico. Para Barthes (1977), “as forças de liberdade que residem no texto literário” não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinário de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ela exerce sobre a língua. A forma literária vence o pensamento doutrinário e instaura a ambigüidade ou a abertura necessária que supera os reducionismos. Ela assume, ao mesmo tempo, “muitos saberes: histórico, geográfico, social, técnico, botânico, antropológico...” (p. 17-18).

Independentemente de qual seja a atitude assumida, a literatura sempre acaba se envolvendo com o processo social, uma vez que “o potencial político da arte está na própria arte, na forma estética em si”. Dessa forma, “a literatura não é revolucionária por ser escrita para a classe trabalhadora ou para a ‘revolução’”. A literatura pode ser revolucionária num determinado sentido, só em referência a si própria, como conteúdo tornado forma. (MARCUSE, 1977, p. 14). Seja na esfera da produção e da recepção, seja no universo do autor, as relações de poder estão presentes, pois quanto menos consciência se tem delas, tanto mais fortes elas são.

Nessa perspectiva, verifica-se, no projeto literário do poeta, que sua atuação jornalístico-literária, na *Revista do Globo*, foi voltada para o regional. Ele utilizou esse veículo de comunicação como instrumento para divulgar, ao resto do País, as idéias e realizações do povo gaúcho,

primando pela publicação da produção intelectual sul-rio-grandense e, conseqüentemente, pela incorporação do estado ao circuito da cultura brasileira. Além disso, ao recomendar obras e escritores, nesse órgão de imprensa, ele também teve significativa participação no desenvolvimento dos gostos de leitura, determinando a veiculação e a avaliação da literatura da época.

### O projeto literário

Mansueto Bernardi também contribuiu para o movimento intelectual sul-rio-grandense ao produzir crítica literária, especialmente com ensaios sobre a produção poética de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens.<sup>8</sup> Primeiramente, nota-se que o fato de Bernardi ser um católico fervoroso e dogmático acaba influenciando a crítica literária que exerce. Ao analisar, por exemplo, o poema “Por quê?”, a ausência de respostas do eu-lírico aos questionamentos que surgem é justificada com o fato de Wamosy não crer nos princípios da fé católica: “A pergunta ansiosa morre sem eco, porque o poeta não crê. Para que tal não sucedesse, fora mister a crença, e a oração”. (BERNARDI, 1980b, p. 157). Tal análise da construção poética revela os desvios a que pode ser levado o pensador católico, ignorando todas as demais causas estético-literárias prováveis.

Outro aspecto característico do ensaio produzido pelo autor de *A Guerra dos Farrapos* é a permanente relação que estabelece entre a produção poética analisada e os matizes europeus, utilizando a intuição e o gosto formado pela leitura dos textos já consagrados como critérios para a apreciação da obra. A estrutura dissertativa de seu estudo sobre Guimaraens corrobora isso: à introdução, com apresentação de dados biográficos sobre o autor, segue-se a apresentação dos grandes vultos da literatura estrangeira cultuados pelo poeta, aos quais associa o texto em exame. Bernardi (1980c, p. 29) afirma que a “trindade” que Guimaraens “mais cultuou foi Dante, Baudelaire e D’Annunzio” e, a partir disso, ele examina *A divina quimera* em comparação à *Vita nuova*, de Dante,<sup>9</sup> buscando, inclusive, semelhanças entre a biografia dos autores:

Ainda menino, como Dante, Eduardo Guimaraens vislumbrou pela primeira vez a sua Beatriz. [...] Desse amor nasceu a DIVINA QUIMERA, que é, sem exagero algum, a nossa VITA NUOVA. Apesar do título do livro lembrar,

à primeira vista, a DIVINA COMÉDIA, é com a VITA NUOVA que se parece. [...] Compõe-se a VITA NUOVA de baladas, sonetos e canções. De canções, baladas e sonetos se compõe igualmente a DIVINA QUIMERA. (BERNARDI, 1980c, p. 31-32, grifos do autor).

Mansueto Bernardi (1980c, p. 33) posiciona-se de forma favorável diante da assimilação dos modelos estrangeiros, afirmando que idolatrar poetas europeus não é demérito, pois acredita ser a imitação dos autores já consagrados a única forma de a literatura brasileira atingir um alto nível de qualidade.

Ainda nesse sentido, Bernardi abdica da imparcialidade e assume postura de defesa da obra do escritor analisado. Em vista disso, apresenta argumentos que se opõem à opinião de outros críticos que acusam Eduardo Guimaraens de não abordar sua terra e sua gente em seus poemas. Com o intuito de preservar a produção poética do autor de comentários que pudessem prejudicar sua imagem, declara que, em *Cantos da terra natal*, ele “se revela um verdadeiro enamorado da sua terra”, alegando que “preferia ver e dizer as coisas sempre através de anenúbios, símbolos e alegorias”. (BERNARDI, 1980c, p. 76-79).

Como se percebe, o gosto pessoal do crítico é explicitado ao leitor e apresentado como base no julgamento positivo ou negativo. Conforme Afrânio Coutinho, nas três primeiras décadas do século XX, há uma plêiade de escritores que exercem a crítica literária, seja de maneira esporádica, seja sistematicamente, e que aderem ao impressionismo. (COUTINHO, 1997, p. 65-66). A crítica impressionista opõe-se ao rigor metodológico pela ausência de referenciais teóricos capazes de fundamentar os juízos valorativos. Ela tem como pressuposto a intuição ou o gosto irredutível de um leitor bem treinado, capaz de descrever as reações subjetivas que uma obra lhe provoca.

Apesar de Mansueto Bernardi ter protagonizado uma crítica literária impressionista, seus ensaios ocupam posição significativa no desenvolvimento da crítica literária sul-rio-grandense. Analisando as obras de Wamosy e Guimaraens, ele se antecipa aos demais críticos e contribui decisivamente para os estudos literários gaúchos e brasileiros, situando suas produções no contexto da literatura e, especialmente, da poesia sul-rio-grandense. Para Flávio Loureiro Chaves (1979), ele

antecede a todos os outros, [...] é o primeiro que na atividade crítica tentou estudar seriamente o fenômeno simbolista e o ensaio de 1924 sobre Wamosy complementa-se, vinte anos depois, pelo estudo *A Vida e a Poesia de Eduardo Guimaraens*. Aí, caracterizando cuidadosamente a obra do autor de *A Divina Quimera*, Bernardi traça as linhas centrais do movimento simbolista. (p. XXVII).

Seu julgamento estético foi, portanto, relevante, já que teve o mérito de reavaliar a obra de dois escritores que estavam relegados ao esquecimento e contribuir para a caracterização e contextualização do simbolismo sul-rio-grandense.

Nos ensaios e discursos de várias áreas do conhecimento, como a economia, a história e a sociologia, o escritor reforça, também, o apoio à imitação da literatura estrangeira. Em carta enviada por Bernardi (1980o, p. 45-48) ao prefeito de Caxias do Sul, em 1958, propõe o restabelecimento do nome tradicional de Praça Dante para o logradouro central da cidade e aconselha que, caso essa proposição não seja aceita, o atual Parque Cinqüentenário seja denominado Parque Dante Alighieri e, para o centro do mesmo, seja “trasladada a estátua do divino poeta”, recomendando que sua imagem seja assentada sobre um pedestal de granito e, nas quatro faces, gravados trechos da *Divina comédia*. Sugere, ainda, que desse pequeno templo saiam veredas que se irradiem por todo o parque e, ao longo delas, sejam postos “bustos de poetas gaúchos”, transformando-se o Parque Dante Alighieri num “Panteão Poético, ao ar livre”.

Com isso, o autor de *São Francisco de Assis e a natureza* faz uma representação simbólica da sua concepção pessoal sobre a criação literária no Rio Grande do Sul, naquele período, demonstrando claramente a valorização dos modelos europeus, nesse caso, especialmente da estrutura poética consagrada por Dante, na obra *Divina comédia*. Ele acredita que, assimilando os modelos europeus já consagrados, o escritor poderá produzir obras com o mesmo nível literário que as daqueles, propiciando a inserção das literaturas gaúcha e brasileira no *corpus* amplo da literatura ocidental.

Além disso, nota-se que, segundo Bernardi (1980n), os livros não serviriam apenas para o deleite estético do público leitor, mas seriam, também, instrumentos de formação intelectual. Em virtude dessa posição, no discurso proferido em 14 de setembro de 1952, por ocasião da inauguração do novo prédio do *Correio Riograndense*, em Caxias do Sul, ressalta que

fundar uma casa editora é tanto quanto, ou até mais do que fundar uma universidade, visto que, através dos livros, se podem prelecionar, com mais êxito e alcance do que nos maiores anfiteatros escolares, todas as matérias constantes de quaisquer corpos de estudo, leigos ou religiosos. (p. 94-95).

Verifica-se que, na compreensão de Mansueto Bernardi, o livro consistia num ritual complexo que, se devidamente conduzido, tinha o poder de doutrinar, construir e modelar o comportamento humano, tornando-se um recurso de comunicação capaz de criar estados de espírito, despertar ou ensejar desígnios éticos e divulgar idéias. Logo, para ele, quem se dispusesse a servir às letras, era igualmente compelido à atuação cívica, religiosa, enfim, pedagógica.

Com relação a isso, o autor de *Colônias e colonizadores* apresenta evidências claras de que usou o potencial advindo da articulação dos signos lingüísticos para induzir o público a aceitar sua concepção ou teoria acerca da vida, pois afirma, em discurso proferido em Veranópolis, em 1º de dezembro de 1945, que, durante toda a sua “vida de funcionário e de escritor, foi também”, para ele, “o livro a melhor das armas de combate”. Bernardi ressalta, nesse mesmo discurso, que se há livros “que instruem, que distraem, que edificam, que santificam”, outros muitos difundiriam o erro, corromperiam o corpo e a alma, destilariam a perfídia, propagariam o mal. “Livros bons” seriam, segundo ele, aqueles que, “ao mesmo tempo em que aclaram e afirmam a inteligência, estimulam também nas almas o instinto de perfeição”, posto que a “base de toda a verdadeira educação reside” em imitar o “Cristo”. Assim, “o saber, por si só, nada vale, se não o acompanha, passo a passo, a disciplina do aperfeiçoamento moral”, ou seja, o “salutar ensinamento religioso”. (BERNARDI, 1980p, p. 31-32).

O poeta considerava-se um leitor dos leitores, alguém que tinha condições de discernir a boa da má-literatura e advertia sobre o perigo das leituras que pervertiam a mente dos leitores, já que, na sua opinião, a moral deveria estar acima da arte. Ele atuava como uma espécie de agente da censura, seguindo uma tendência do catolicismo de condenar obras que difundissem idéias contrárias à doutrina católica, iniciada “em 1559”, quando a “Inquisição Romana publicara o *Índice dos livros proibidos*”. (MANGUEL, 1997, p. 320). Pode-se inferir, então, que o fato de Bernardi ser católico fervoroso também repercute em suas escolhas

literárias, fazendo com que eleja como “bons livros” os que vinculem preceitos do catolicismo.

Conforme já se observou, o autor foi fortemente influenciado pelos preceitos religiosos da Igreja Católica. Na condição de poeta, Bernardi expressou, em versos parnasiano-simbolistas, as decepções sentimentais, os desencantos da vida humana, as fadigas do cotidiano na cidade, buscando consolo no catolicismo e na natureza. Como as correntes simbolistas e parnasianas coexistiram no Rio Grande do Sul e se influenciaram mutuamente, verifica-se, em *Terra convalescente*, traços de ambas as estéticas. Por isso, como afirma Guilhermino César (1994, p. 123), “ele é um autor de formação parnasiana, mas fortemente impregnado de idealidades e sonoridades de fundo simbolista”.

Como adepto do simbolismo, Bernardi procura resgatar, em *Terra convalescente*, a relação do homem com o sagrado e com os símbolos, transformando o misticismo, a religiosidade, a espiritualidade, o pessimismo, a dor de existir e o desejo de transcendência em temas constantes de sua poesia. Além disso, sua poética é marcada, tanto pela presença de uma linguagem que sugere, em lugar de nomear ou descrever a realidade, quanto pelo mistério, pela morte, pelo noturno e por momentos de transição como o crepúsculo.

Utilizando um vocabulário litúrgico que transita entre o profano e o sagrado, em “Mors-amor”, o eu-lírico almeja ardentemente ser o ataúde da mulher amada para poder acolhê-la completamente dentro de si, fundindo-se com ela. Nesse poema, a concretização do amor impossível ocorreria apenas através da morte, momento único em que o poeta poderia tê-la somente para si: “Quisera ser o teu caixão, rainha! / Abrir-me, receber-te e após, fechado, / guardar, ciumento, a glória, linha a linha, / do teu divino corpo amortalhado!” (BERNARDI, 1980, p. 74).

Todavia, a forma lapidar, o gosto pelo soneto, com perfeita estrutura métrica e sonora, a utilização de rimas ricas e, ainda, o refinamento da linguagem, na sua correção absoluta e no uso de um vocabulário requintado, são aspectos que colocam Bernardi muito próximo da tendência parnasiana, conforme se vê em “Holocausto”:

Morra, enfim, este amor que, da alma, repentino,  
um dia me brotou como uma rosa estiva;  
que mil vezes me fez chorar como um menino,  
que todo me vestiu como uma chama viva!  
(BERNARDI, 1980, p. 73).

Aparecem, nesse poema, características parnasianas mescladas com nuances simbolistas. O esmero da forma, representado pela utilização do soneto, da rima rica, de construções sintáticas complexas (marcadas por inversões violentas) e pelo rigor formal quanto ao número de sílabas poéticas, caracteriza a influência da escola parnasiana. Como elucida Coutinho (1997), opondo-se à simplicidade formal romântica que, de certa forma, popularizou a poesia, os parnasianos eram rigorosos quanto à métrica, às rimas e ainda quanto à riqueza e raridade do vocabulário. É por isso que são frequentes, nos textos parnasianos, os hipébatos (ordem indireta), as palavras eruditas e difíceis, bem como as rimas forçadas.

Igualmente, é possível afirmar que *Terra convalescente* inicia marcada por uma atmosfera sombria e nostálgica, pelo desencanto, pela dúvida, pelo negativismo, pela tristeza e pela morte, avançando para a descoberta da claridade, para uma subjetividade mergulhada na luz e ligada à natureza. A obra evolui, segundo João Pinto da Silva (1920, p. 319), de uma

concepção pessimista da vida para um otimismo sereno e criador. Dentro da sombra ondeante da primeira parte, há gestos longos de desespero; há dúvidas enormes, velhas dúvidas que se mostram sob novas aparências; há as mais dramáticas atitudes de um espírito diante do espetáculo, ainda não bem compreendido, dos seres e das coisas, – diante, em suma, da grandeza trágica do Mundo. A segunda parte, num contraste absoluto, é uma zona larga e calma, com avenidas, e lagos, e colinas, fulgurantes sob o sol meridiano. O poeta olha o Universo e os Homens com outros olhos. (SILVA, 1920, p. 319).

A fase inicial da obra, denominada *Umbra*, é assinalada pela sombra e pelo crepúsculo e, por isso, para Guilhermino César (1994, p. 123), o autor de *Terra convalescente* é um autêntico “*crepuscolare*”. Trata-se de uma poesia-inquietação, de uma poesia-dúvida, de uma poesia-quase-desespero, em que o inverno é visto como mecanismo que oprime e traz consigo a idéia da morte:

Tal como um grande círio a bruxulear na bruma,  
o sol, nublado, expande um brilho de agonia.  
Trona de quando em quando. E sob a névoa fria  
de ásperas serras más o alto perfil se apruma.  
(BERNARDI, 1980, p. 102).

Entretanto, o eu-lírico deseja a luz: “Toda a tua dor, alma sombria, / talvez não passe, como o próprio fumo, / de um desejo violento de ser luz!” (BERNARDI, 1980, p. 72). Em decorrência, na segunda parte, intitulada *Lux*, há uma vibração nova de entusiasmo, semantizada pela luz, pela transparência e pela superação das sombras através da esperança. Comprova isso o poema “Terra convalescente”, que canta a vida, ou seja, a terra se recuperando da prostração imposta pelo inverno:

Mas eis que aos chilros, nos beirais das casas,  
de volta dos países mais remotos,  
andorinhas gentis ruflam as asas...  
Dilui-se a névoa. Eis os primeiros brotos.  
(BERNARDI, 1980, p. 103).

A poesia não se entrega, entretanto, logo à luminosidade da natureza. Há um período intermediário de transição, de sombras e tempestade. Aparecem, depois, a convalescença, o renascimento e, finalmente, a plenitude radiosa: “Em seu leito de enferma a Terra acorda / para o milagre da convalescença.” (BERNARDI, 1980, p. 104). A luminosidade cria o fascínio desse panorama de ressurreição da natureza, vivificando o ambiente, sendo que a luz absorve as sombras num processo progressivo, já que, como o próprio eu-lírico afirma: “Sob o efeito sutil do batismo da luz, gra-du-al-mente [sic] o véu da sombra se reduz”. (BERNARDI, 1980, p. 170).

A trajetória percorrida pela poética de Bernardi, das sombras para a luz, lembra claramente o mito da ressurreição de Jesus Cristo, propalado pela Igreja Católica. Consoante Donald Schüler (1987, p. 132-133), “Bernardi cria poesia religiosa de que não existe exemplo expressivo na literatura do Rio Grande do Sul antes dele.” Assim, é possível relacionar o sentimento trágico da morte da natureza, no inverno, e seu posterior renascimento, na primavera, à experiência cristã da ressurreição do filho de Deus, após a morte. Por conseguinte, pode-se afirmar que a fé católica é o pressuposto que norteia, tanto essa composição quanto o seu projeto literário como um todo.

## Considerações finais

Levando em conta que Mansueto Bernardi preocupou-se com a difusão da cultura do Rio Grande do Sul, discutiu-se, neste artigo, o projeto político e literário do autor a partir da análise de sua produção literária e não-literária. Nesse sentido, verificou-se que concebia os livros segundo uma perspectiva eminentemente utilitária, e a literatura como missão, ou seja, como uma atividade que deveria ter base instrutiva, moral e religiosa. Para ele, os livros tinham o poder de divulgar idéias, doutrinar e agir sobre o leitor. Portanto, pode-se aplicar aos textos de Bernardi uma concepção de literatura e de atividade intelectual em que se apagam as fronteiras tradicionais entre o homem de Letras e o homem de ação, entre o escritor profissional e o homem público, e entre o artista e a sua comunidade.

Por acreditar que os livros serviam como instrumentos de intervenção social, o autor de *A Revolução de 30* dispôs-se a colaborar para o fortalecimento da influência do catolicismo na cultura brasileira, propondo-se a publicar obras comprometidas com os dogmas da Igreja e classificando como bons livros aqueles que veiculavam o salutar ensinamento religioso. Do mesmo modo, a religiosidade foi o diferencial de sua produção poética, apresentando, em seus poemas, a idéia da morte temporária, acompanhada pela ressurreição.

Nota-se que seu projeto político também se distingue pelo empenho no sentido de expandir o catolicismo na sociedade brasileira. Em vista disso, ele defendia a penetração dos princípios católicos na família e na escola, através de uma educação formadora de autênticos valores morais e religiosos. Além disso, preocupava-se em destacar a contribuição moral e religiosa dos imigrantes italianos, convocando seus descendentes para colaborarem no projeto de fortalecimento do catolicismo no Brasil.

Como se vê, analisando alguns temas abordados por Mansueto Bernardi nos ensaios, discursos e poemas, e estudando as formas de inserção social do autor, é possível dizer que o autor estruturou seu projeto político e literário a partir da religião em íntima conexão com a defesa e divulgação da cultura sul-rio-grandense. Do mesmo modo, ele atribuiu à literatura uma função diferenciada, encarando-a segundo um viés utilitário. Como escritor-cidadão que atuou em periódicos significativos para a difusão de idéias, empenhou-se para intervir socialmente e

envolveu-se na discussão de temas importantes para a época, esforçando-se, sobretudo, para dar continuidade à propagação dos ideais católicos na sociedade brasileira. Portanto, como poeta e intelectual, Bernardi não se manteve neutro, mas tomou partido, optando pela defesa da Revolução de 30, apoiando os ideais de Getúlio Vargas, aderindo ao integralismo, censurando o comunismo e o socialismo e, acima de tudo, primando pela difusão do catolicismo.

## Notas

---

<sup>1</sup> BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: Globo, 1918. A segunda edição é de 1965, também pela Globo. Para o presente estudo, utilizou-se a edição preparada por Marcon, Porto Alegre: EST/Sulina, 1980 (Obras Completas de Mansueto Bernardi).

<sup>2</sup> O *Discurso aos pioneiros* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 25/07/61, e no prefácio do livro *Semblantes de pioneiros*, de Barbosa, editado pela Livraria Sulina, de Porto Alegre, em 1961 (p. 7-12).

<sup>3</sup> Esse trabalho é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, realizada no salão do Instituto de Belas-Artes, em Porto Alegre, por convite da Federação Acadêmica do Rio Grande do Sul, na noite de 20 de setembro de 1923, que foi publicada originalmente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 11/12, 1923, p. 461.

<sup>4</sup> Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

<sup>5</sup> Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

<sup>6</sup> Esse ensaio foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, edição de 30/12/54 e no *Correio Riograndense*, de Caxias do Sul, edição de 2/2/55.

<sup>7</sup> Esse texto foi publicado originalmente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, v. 5, n. 29, p. 5, em 15 de março de 1930.

<sup>8</sup> Bernardi reuniu, em 1924, num único volume, a obra poética completa de Wamosy, precedendo-a de uma análise crítica e, em 1944, publicou *A vida e a poesia de Eduardo Guimaraens*, estudo que se tornaria, posteriormente, o prefácio de *A divina quimera*: GUIMARAENS, Eduardo. *A divina quimera* (Org. Mansueto Bernardi). Porto Alegre: Globo, 1944. [A primeira edição é de 1916].

<sup>9</sup> *A vita nuova* é uma das obras de Dante Alighieri, o maior poeta italiano da Idade Média, sendo constituída por uma coleção de sonetos e canções dedicada à sua dama idealizada, Beatriz.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: Globo, 1918.
- \_\_\_\_\_. Preâmbulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9, 5 jan. 1929.
- \_\_\_\_\_. Ao Rio Grande unido. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 17, n. 17, p. 1, 14 set. 1929.
- \_\_\_\_\_. Frente única. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 5, n. 29, p. 5, 15 mar. 1930.
- \_\_\_\_\_. Primavera farrapa. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 7, 30 ago. 1930.
- \_\_\_\_\_. Ao Rio Grande e ao Brasil. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 19, n. 43, p. 7, 11 out. 1930.
- BERNARDI, Mansueto; MARTINS, Justino; VERÍSSIMO, Êrico. Um pouco da história da Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 813, p. 40-42, 3 jan. 1962.
- BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980 (Obras Completas) v. 1.
- \_\_\_\_\_. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: \_\_\_\_\_. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 2.
- \_\_\_\_\_. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: \_\_\_\_\_. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 2.
- \_\_\_\_\_. Ao eleitorado montanhês. In: \_\_\_\_\_. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- \_\_\_\_\_. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- \_\_\_\_\_. Discurso a Plínio Salgado. In: \_\_\_\_\_. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- \_\_\_\_\_. Sugestões de um ingênuo para um plano de salvação nacional. In: \_\_\_\_\_. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- \_\_\_\_\_. Frente única. In: \_\_\_\_\_. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- \_\_\_\_\_. Soberania e autonomia. In: \_\_\_\_\_. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 6.
- \_\_\_\_\_. O ideal federalista dos farrapos. In: \_\_\_\_\_. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 6.
- \_\_\_\_\_. A federação brasileira. In: \_\_\_\_\_. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 6.
- \_\_\_\_\_. Cultura católica e vida política. In: \_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 8.
- \_\_\_\_\_. O arauto do grande rei. In: \_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 8.
- \_\_\_\_\_. A volta do filho pródigo. In: \_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 8.
- \_\_\_\_\_. Praça Dante Alighieri de Caxias do Sul. In: \_\_\_\_\_. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 9.
- \_\_\_\_\_. Um semeador de livros. In: \_\_\_\_\_. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 9.
- \_\_\_\_\_. Discurso aos pioneiros. In: \_\_\_\_\_. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 9.

- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: Edusc, 1999.
- CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Porto Alegre: IEL/Ed. Universidade/UFRGS, 1994.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 4.
- GOUVÊA, Paulo. Cem anos do Globo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 maio 1983. Letras-Livros, p. 4.
- GUIMARAENS, Eduardo. *A divina quimera*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARCON, Itálico. Apontamentos biográficos. In: BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. v. 1. (Obras Completas).
- \_\_\_\_\_. Mansueto Bernardi e a Revolução de 30. In: BERNARDI, Mansueto. *A Revolução de 30*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras Completas). v. 5.
- MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- RODRIGUES, Anna Maria Moog. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *A Igreja na República*. Brasília: Ed. da UnB, 1981. (Coleção Pensamento Político Republicano). v. 4.
- SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- SILVA, João Pinto da. Terra convalescente: poesias de Mansueto Bernardi. *Almanaque do Globo*, Porto Alegre, v. 4, p. 319, 1920.
- SPALDING, Walter. Porto Alegre: quando nasceu a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 863, p. 10-17, 4 jan. 1964.
- VERGARA, Pedro. *Mansueto Bernardi: esboço de uma grande vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.
- WAMOSY, Alceu. *Poesia*. Ed. Livramento. Livraria Brisola, 1950.